

# A CONSTRUÇÃO SOCIOLÓGICA DE UMA POSIÇÃO REGIONALISTA.

## Reflexões sobre a edição e recepção de *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre\*

Gustavo Sorá

*É notável a transformação e regulação de impulsos que requer tanto o fato de escrever os livros como o de lê-los. Não obstante, o livro não cumpre a mesma função na sociedade cortesã que na burguesa.*  
(Norbert Elias, 1994, p. 486)

Pensar os avatares na consagração de Gilberto Freyre e do livro nodal em sua história intelectual permite analisar momentos centrais na construção da autonomia do campo das ciências sociais no Brasil. Os significados de *Casa-grande e senzala* são marcantes na trajetória intelectual de seu autor, do *pensamento social brasileiro*, e na história da edição no Brasil. Pensado por Freyre para transmitir uma novidade "científica" para interpretar o Brasil, este livro passou, ao longo de suas numerosas reedições em diversas línguas, por diferentes tamises de percepção e classificação que, condicionados pelas categorias de apreciação possíveis em cada momento (sobre os significados de autor, obra, universidade, universal, Brasil, Sociologia, literatura, livro, leitor, raça, cultura), provocaram sentidos da recepção que descrevem a construção das forças dominantes no campo da circulação da palavra escrita, especificamente nas disciplinas sociais.

Desde o lançamento do livro no Rio de Janeiro, em 1933, até sua 14ª edição, em 1966, o autor escreveu prefácios recolocando *Casa-grande e senzala* como aposta de valores

diferentes em um mesmo jogo. São documentos carregados de representações sobre os diferentes momentos na circulação do livro. Na série escolhida, os prefácios enunciam indícios sobre um conjunto de transformações nas matrizes de classificação do livro, bem como pistas sobre alterações progressivas nos princípios de autoridade, nas comunidades de leitores e nas possibilidades de edição e circulação dos textos escritos transmissores das "mensagens sobre o Brasil".

Nos primeiros prefácios, Freyre se define como um jovem principiante, querendo restringir seu trabalho à imposição e demonstração de um original *ensaio* de interpretação sociológica sobre o Brasil e seu processo civilizatório.<sup>1</sup> Nos prefácios às 12ª, 13ª e 14ª edições, Freyre se julga como um velho em retiro, buscando lugar no panteão literário nacional, ali onde a dúvida é censurada, onde reina a liberdade da palavra inspirada, já fora do rígido controle do discurso disciplinar de uma Sociologia plenamente universitária. Entre o primeiro prefácio e o da 14ª edição, Freyre viveu intensamente as mudanças classificatórias às

quais era arrastado seu livro à luz dos renovados juízos críticos de novos leitores que se interpunham em seu caminho. Um testemunho explicativo dessas mudanças era a razão para amontoar prefácios, como uma estratigrafia que ia soterrando a valiosa obra. Estes funcionam em seu livro como tentativas de controlar o acaso, "conjuram os poderes e perigos" (Foucault, 1992, p. 11), as normas de compreensão de sua obra que, a cada edição, tornavam-se mais independentes de suas forças. As normas do conjunto de um campo intelectual em firme processo de autonomização e que passava a julgar os *ensaios* como modalidade para *pensar o Brasil* e as atividades não centradas na universidade e nas disciplinas especializadas como algo do passado.

Do ponto de vista do autor, a sucessão de prefácios a *Casa-grande e senzala* pode ser descrita como uma batalha pelo universal. A consagração do livro permite pensar os condicionantes que a *literatura e as disciplinas históricas e sociais* colocam umas às outras na competição pela definição da *comunidade nacional e dos parâmetros para imaginá-la*.<sup>2</sup> Qual é o papel específico dos gêneros acadêmicos e literários, as teses e os *ensaios*, os estudos e os *romances*, para pensar a nação? Como se repelem e se complementam em diferentes estados do campo intelectual?

O destino condicionado de Gilberto Freyre, desejando representar o Brasil como *sociólogo* para o mundo e consagrado finalmente como *escritor* do Recife, explica-se tanto pela sua trajetória social como pelos condicionantes que se foram progressivamente impondo a partir dos anos 40 no campo intelectual, momento de consolidação da Sociologia em São Paulo. Esta última, representada por sua primeira geração de sociólogos *profissionais e brasileiros*, impôs sua novidade por meio da proposição de uma rígida Sociologia científica, autônoma como disciplina e, por esse motivo, com uma estrutura universitária de treinamento sistemático e transmissão de um novo saber. Para Florestan Fernandes, Antonio Candido, Fernando Henrique Cardoso e outros porta-vozes da nova "fórmula de salvação nacional", somente em São Paulo se davam as condições para a superação do modo "ensaístico" de interpretação do Brasil, cujo último produto, "perigosamente" revalidado

com um estrondoso sucesso internacional, era *Casa-grande e senzala*. Somente nesta cidade estavam dadas as condições, por volta de meados dos anos 50, para se propor e divulgar esquemas padronizados de conhecimento sociológico universitariamente controlados (teses, revistas especializadas, trabalho de campo, bancas examinadoras, seletividade escolar, títulos e outras marcas de ideologia igualitarista):

O drama que o Brasil compartilha com outras nações subdesenvolvidas consiste na disposição insuficiente de recursos racionais de pensamento e ação. Entretanto, se tomássemos como ponto de referência uma cidade em processo adiantado de industrialização [...], como a cidade de São Paulo, poderíamos constatar que *uma nova mentalidade está em formação*. Essa mentalidade é modelada pelo concurso de diversos fatores, que tendem a expor técnicas racionais de intervenção nos problemas da cidade [...], toda espécie de conhecimento racional e, especialmente, a investigação científica [...] a *critérios novos de apreciação axiológica* (Fernandes, 1958, p. 184; grifos meus).<sup>3</sup>

Para explicar o experimento de Freyre, estas forças rotularam *Casa-grande e senzala* como obra difusa, não especializada, não moderna, *regionalista*. Na história das ciências sociais no Brasil, pesam sobre a interpretação do insucesso de Freyre tanto idéias sobre um autor traído pelos fantasmas de Apipucos (sua cidadezinha natal, sede da casa-grande de seus ancestrais), quanto um *regionalismo* inerente à sua personalidade (cf. Freston, 1989; Castro Santos, 1990). Como se cristalizam os julgamentos do senso comum sociológico sobre os livros, os autores e as obras que pensaram a nação? Que hierarquias e genealogias de autores, leituras, instituições, editoras se estruturam na definição dos critérios de legitimidade para classificar as obras, seus legados, e escrever sua história disciplinar e nacional? Como a análise dos lugares construídos e em construção no panteão de pensadores da nação pode contribuir para explicar as possibilidades e condicionantes da edição, circulação e leitura de livros no Brasil atual? *Casa-grande e senzala* ainda integraria o patrimônio dos *livros que devem ser lidos para se conhecer o Brasil*?

Neste artigo, proponho-me a realizar uma interpretação densa das disputas classificatórias estabelecidas em torno da recepção de *Casa-grande e senzala* entre a 1ª e a 14ª edições do livro em português, recuperando representações do autor e julgamentos-chaves na definição dos sentidos que pesaram sobre este livro. Na primeira parte do trabalho, busco destacar significados dos critérios de negociação da obra de Freyre a partir de afirmações circunscritas nos seus prefácios, em momentos definidos da história da edição, circulação e apropriação do livro.<sup>4</sup> Em uma segunda parte são enfatizadas certas proposições de Florestan Fernandes, porta-voz da nova Sociologia paulista e em posição diametralmente oposta à de Gilberto Freyre no campo das ciências sociais, relativas a um momento que sentenciou com julgamentos categóricos um livro como *Casa-grande e senzala*. Pretendo pensar, em torno deste livro, os dilemas interpostos entre *escrever* e *tornar públicas* verdades sobre a nação.

Centrado em uma reflexão sobre a história da recepção de *Casa-grande e senzala*, tentarei demonstrar como a representação *regionalista* que pesa sobre o livro e seu autor foi e é um produto das relações de dominação travadas no campo intelectual no Brasil a partir dos anos 30. Portanto, a força dessa representação se deve tanto às posições e valorizações progressivas que Freyre foi adquirindo em sua trajetória, quanto às posições dominantes na "Sociologia nacional", contrárias a ele e a outros projetos carismáticos, e aos efeitos de uma violência simbólica peculiar para construir novos princípios de legitimação cultural para *pensar o Brasil*.<sup>5</sup>

### Histórias de um prefaciador

*"Era o discurso que, profetizando o porvir, não só anunciava o que aconteceria, como contribuía para sua realização, arrastava consigo a adesão dos homens e se engastava assim com o destino"* (Foucault, 1992, p.16)

### *Uma nova linguagem*

Rio de Janeiro, dezembro de 1933. *Casa-grande e senzala* é publicado pela Livraria Schmidt Editora. Esta empresa era a mais expressiva em um pólo cultural do rudimentar espaço editorial da capital brasileira de começos da década e condensava em seu catálogo, em estado difuso, os gêneros, autores e movimentos intelectuais que se desdobrariam na história cultural brasileira nos primórdios de uma "era do nacionalismo".

O final do prefácio à primeira edição, em sua assinatura, afirma a extensão da pretensão de Gilberto Freyre como intelectual: "Lisboa 1931, Pernambuco 1933". Entre seu estado natal e a Europa, poder-se-ia pôr em relevo um estudo para compreender a extensão dessa pretensão, pensada originalmente em sua pós-graduação norte-americana e valendo-se das condições de atividade e promoção cultural do Rio de Janeiro, então a capital do país.<sup>6</sup> Este prefácio é quase uma introdução, na qual Freyre narra a experiência de revelação inspiradora que viveu no exterior: foi passeando pelo *deep south* norte-americano, antigamente escravocrata como o Nordeste de seus ancestrais, observando marinheiros negros conterrâneos trabalhando em um porto daquele país bem-sucedido, que passou a refletir sobre a realização da dignidade de um povo. A uma revelação inédita, um novo código. Este irrompe no cenário intelectual com a potência de esquemas de interpretação apreendidos em centros de vanguarda internacional. Não havia, nesses anos, juízes acadêmicos com poder para dominar a crítica e mediar o possível impacto público de um escrito sociológico com essas características. Como assinala Edson Nery da Fonseca (1985, p.18), "a obra de Gilberto Freyre foi publicada em uma época de grande efervescência literária, a julgar pelo grande número de escritores que exerciam a crítica regularmente em revistas como o *Boletim Ariel* e nos grandes jornais cariocas".

Este primeiro prefácio é um grande esforço para classificar, inculcar, negociar um modo de apreensão do "estranho" produto. Limitado às categorias da época, Freyre classifica seu texto como *ensaio de sociologia genética e de história social* e

expõe as razões de uma metodologia de investigação singular, baseada em fontes primárias de *livros de viagem de estrangeiros, livros de etiqueta, cartas jesuíticas, arquivos eclesiásticos, álbuns*, escritos de *romancistas, folhetinistas ou escritores de teatro* "que fixaram com maior ou menor realismo aspectos característicos da vida doméstica e sexual do brasileiro".<sup>2</sup> Negociando o valor e a publicidade de seu livro com os formadores de gosto da época, o autor conquistou com grande força a crítica literária, não sem exigir, em troca, uma refiguração sociológica desta.

Do Recife, Freyre escreve o prefácio à segunda edição do livro, publicada já em 1934, apenas um ano depois da original. Neste, dedica-se a considerar erros de impressão, alterações de linguagem, acréscimos técnicos de índices. Mas também reforça os sentidos de sua contribuição sociológica, enfrentando as críticas literárias e explicando que "se deve observar que este ensaio pretendeu ser menos uma obra convencionalmente literária que um esforço de investigação e tentativa de interpretação nova de determinado grupo de fatos da formação social brasileira" (p. LXV). O autor percebe seu trabalho como inovador e de principiante, dupla posição da qual se vale para não ceder às críticas que o atacavam por "não se submeter aos grandes mestres de nossa história". Freyre assentava suas preocupações no "contato direto com as fontes, [...] sobre material e trabalho de campo". A partir deste prefácio, começa a controlar os julgamentos provenientes de dois flancos: o literário e o sociológico. Diante de ambos, e nestes primeiros prefácios a partir de uma posição de sociólogo, contradiz as críticas à linguagem utilizada propondo, para um projeto inovador, *uma nova linguagem* que não faz eco dos ataques literários pela "excesso do uso de citações e o pedantismo de erudição científica", nem da "linguagem difícil e desumana de certos cientistas e alguns técnicos": "[...] o ensaio de Sociologia, de Antropologia, de História Social, tem sua linguagem própria, não está obrigado a limitar-se à noção de terminologia exata de outras ciências despreocupadas dos valores humanos".

#### *Domínios de classificação*

Este esforço de Freyre pode ser mais bem compreendido se se observa que, ainda por volta do fim da década, mesmo como o "maior êxito" da Schmidt,<sup>3</sup> *Casa-grande e senzala* era o único título do catálogo classificado como Antropologia. Em bibliografias maiores, o livro era um diminuto ponto entre títulos de Direito e Ciências Sociais e Políticas.<sup>2</sup>

Talvez o debate intelectual que marcou a década tenha sido o da "unidade" dos estados da Federação, perceptível a partir de dois movimentos: de um lado, o de porta-vozes de províncias menores visando fazer conhecida a história cultural e a singularidade de seus territórios, só agora reconhecidos pelo sentimento de unidade pelos estados fortes; de outro, o crescimento da competição pelo monopólio regional da representatividade dos símbolos do bem comum. Neste quadro, uma clivagem maior era marcada pela disputa entre o Norte e o Sul.

Para as categorias de percepção e apreciação crítica da época, Gilberto Freyre aportava uma perspectiva singular (mais acadêmica e especializada) entre os gêneros literários dominantes (romance, conto, crônica) que buscavam descrever de forma "real" o Nordeste. A consagração brasileira de Freyre é paralela a um movimento abrangente de imposição desta categoria. Por volta de meados dos anos 40, o Nordeste, a partir do romance, é reconfirmado como o *locus* de "maior autenticidade" dentre os núcleos definidores do "caráter nacional". Os romancistas eram, para a época, o que foram os poetas para o primeiro quarto de século: profetas legitimados para revelar um destino que poucos conseguiam ver. Nas palavras de Henrique Pongetti, escritor reconhecido da época: "revelar o que existe em nossa terra, mesmo no domínio das coisas materiais, será por muito tempo ainda, uma função de literatos" (ABL, 1938, p. 20). Daí a solidão e individualização de Freyre para impor sua mensagem, que só se solidificará no quadro da Coleção Brasileira. A partir das sistematizações da crítica literária, Freyre decantaria, por volta de 1950, como parte do "Movimento do Nordeste" (Carpeaux, 1955, p. 275).<sup>10</sup>

### *Reconhecimento universitário e editorial*

Em 1935, a consagração da proposta "sócio-antropológica" de Freyre o leva a concretizar sua escolha como um dos principais artífices das primeiras cátedras de Sociologia, Antropologia Social e Cultural e Pesquisa Social da nova Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. Seu prestígio o leva, nesse mesmo ano, a um cargo central no campo editorial: diretor da Coleção Documentos Brasileiros da recente e rapidamente bem-sucedida Livraria José Olympio Editora. Nesta casa Freyre pensou um projeto editorial que marcou época: a publicação, em 1936, de *Raízes do Brasil*, livro de Sérgio Buarque de Holanda, prefaciado pelo próprio Freyre.<sup>11</sup>

Em 1936 é publicado também o seu *Sobrados e mucambos*, pela Companhia Editora Nacional, editora paulista homóloga à José Olympio como lançadora de títulos de literatura e pioneira na divulgação do *pensamento socialbrasileiro*, através da sua Coleção Brasileira.<sup>12</sup> Continuando as interpretações de *Casa-grande e senzala*, este livro libertava a *opera prima* da necessidade de completude investigativa e a inseria em um projeto cujo concepção só seria finalizada em começos dos anos 40 e que incluía dois outros trabalhos: "Ordem e progresso" (1959) e "Jazigos e covas rasas" (que não foi escrito). Por volta de fins dos anos 30, Freyre julgava que *Casa-grande e senzala* condensava todo o seu projeto intelectual: o "livro" se transformava em "obra" e se reforçava o sentido da revalorização como peça original de suas engrenagens intelectuais.

O renome do autor se construía ao par da conquista para *Casa-grande e senzala* de um público crescentemente numeroso, composto de *bacharéis*, profissionais liberais e políticos (Miceli, 1989b, p. 108). Mas nos anos 30 também se "formaram" novas comunidades de leitores, novas camadas sociais que emergiam em função de inéditas oportunidades escolares. Longe das cátedras de Sociologia, Antropologia e Ciências Sociais, sobre as quais voltarei a me referir depois, possivelmente o público destas leituras "ensaísticas" tenha ganho novo impulso com a Reforma Campos de 1931, que incluiu a Sociologia como disciplina

obrigatória no ensino secundário (Almeida, 1989, p. 189). Por sua vez, numerosos institutos de investigação social eram então fundados no Rio e em São Paulo (*idem*, p. 193).

A interrupção autoritária do projeto internacional da Universidade do Distrito Federal, no entanto, deixou Freyre sem alternativas para cultivar pessoalmente sua "congregação" de educandos especializados. Contudo, ainda em 1935, o Ministério da Educação o nomeou professor extraordinário de Sociologia na tradicional Faculdade de Direito do Recife. Ali, em uma instituição símbolo da República Velha, Freyre se cercou da atenção personalizada de jovens leitores.... de Advocacia.

### *Controlar o acontecimento aleatório*

Aproveitando o êxito de *Casa-grande e senzala* junto a variadas comunidades de leitores, a decadente Editora Schmidt lança, em 1938, uma terceira edição do livro, "à revelia do autor".<sup>13</sup> Por um canal erudito tradicional da época, a *Revista do Brasil*, Freyre contesta o lançamento com um *quase prefácio à terceira edição* e, indignado, irrompe com toda força como controlador pessoal do destino de seu livro. Desde então, até inícios dos anos 80, todas as reedições do livro sairiam, como parte da coleção por ele fundada, pela José Olympio, editora que, à sombra de Freyre e dos *romances sociais*, construiu um lugar central na vida cultural brasileira de meados de século.<sup>14</sup>

Neste quase-prefácio, Freyre insiste, a partir de sua autoridade estritamente acadêmica, na atitude científica que continuava sem ser compreendida pelos críticos literários,

ainda pouco familiarizados com a técnica, o método e a terminologia da sociologia genética, da história, da antropologia e da psicologia sociais [...] É de esperar que com o progresso do ensino da sociologia e da antropologia em nosso país, os críticos menos inteirados do sentido sociológico de expressões como "cultura", "complexo", "mobilidade social", "sociologia genética", adquiram um pouco de humildade científica em suas críticas.

Como estratégia retórica desqualificante, Freyre unicamente nomeia, ou seja, dá existência,<sup>15</sup> aos críticos "inteligentes", especialistas estrangeiros (Coornaert, da Sorbonne, e Martin, de Stanford) e "compatriotas estudiosos" (Almir de Andrade, Silvio Rabelo, Carlos de Oliveira).

#### 1942. Referência obrigatória

As marcas de uma pretensão de verdade científica e acadêmica são constantes até 1942. Este ano assinala um pico na consagração de *Casa-grande e senzala*, uma dupla consagração editorial: o selo José Olympio e a primeira edição em outra língua. A primeira mudança é ressaltada na menção redobrada da "heróica" figura do editor;<sup>16</sup> a edição em castelhano, lançada em Buenos Aires, não merece comentários.<sup>17</sup> A confirmação do êxito editorial coloca Freyre, assentado culturalmente no Rio de Janeiro, de onde assina o prefácio, diante de um problema inédito: como garantir uma edição definitiva (padronizada de modo a assegurar uma unidade entre edições consecutivas e visando sua tradução<sup>18</sup>) de um texto que o autor continua considerando científico e, por este motivo, obrigatoriamente passível de reavaliação periódica em função dos avanços nas várias ciências e estudos nos quais se baseia? A partir deste momento se observa uma

transferência de poder carismático do autor para o livro. A reedição acelerada do livro o insere em uma lógica de reprodução cultural não acadêmica, mas literária.

Ainda em 1942 é publicado *A cultura brasileira*, um texto central na obra de Fernando de Azevedo, que se tornava então titular da cátedra de Sociologia II na nova carreira de *ciências sociais* fundada na USP. Neste livro, Freyre emerge como referência obrigatória. Fernando de Azevedo era, nos anos 30 e começo dos 40, a personagem brasileira central junto às missões científicas estrangeiras que organizaram o ensino e a pesquisa na USP, em torno da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Gilberto Freyre, quase exclusivamente *Casa-grande e senzala*, é citado por Azevedo como marco interpretativo válido para estudar a história da educação e a cultura brasileiras em 62 ocasiões.<sup>19</sup>

Para a glória do autor, as críticas continuam sendo "contraditórias". Pela primeira vez Freyre rejeita as críticas à sua proposta como sendo de teor regionalista, para confirmar que sua análise é extensível à totalidade da nação: "viagens de estudo e observações do autor por áreas brasileiras menos agrárias [...] somente fizeram confirmar nele as idéias e interpretações esboçadas neste livro". Os críticos mencionados passam por João Ribeiro e incluem uma galeria de pesquisadores nacionais e estrangeiros.

#### Edições de Casa-grande e Senzala (1933-66)

Ano	CG&S no Brasil	Nº ed	CG&S no Estrangeiro	Editor
1923			Tese de doutorado	Columbia University
1933	Maia & Schmidt	1ª		
1936	Schmidt Editora	2ª		
1938	Schmidt Editora.	3ª		
1942			Buenos Aires	Mín. Instr. P.
1943	José Olympio			
	(Col.Documentos Brasileiros)	4ª	Buenos Aires	2a, Emecé
1946	J.O.	5ª	Nova York	Knopf
1947			Londres	Knopf

## A CONSTRUÇÃO SOCIOLÓGICA DE UMA POSIÇÃO REGIONALISTA

1950	J.O.	6ª		
1952	J.O.			
	(Obras Reunidas de G.Freyre)	7ª		
1953			Paris	Gallimard
1954	J.O.	8ª		
1956			Nova York, Londres	Knopf
1957		9ª	Lisboa	Livros do Brasil
1958	J.O.	10ª		
1961	J.O.	11ª		
1963	Ed. da UnB	12ª		
1964			Paris, Toronto, Nova York	Gallimard(8va), Random
				House, Knopf
1966	J.O.	13ª		

Finalmente, com o selo da José Olympio, o círculo de leitores de *Casa-grande e senzala*, de setores restritos do Rio e São Paulo, amplifica-se pelo interior do país. Especialmente no Nordeste, surgem novas leituras de um público já grande para os padrões da época (Fonseca, 1985, p. 22).

*(E)leitores: dúvida científica e reconversão de forças*

A quinta edição do livro — a segunda pela José Olympio — só sai em 1946. Em seu prefácio, Freyre se representa ainda como sociólogo-pesquisador, preocupado com a atualização do material, retocando a bibliografia e procurando uma "nova safra de documentação" através da coordenação de um extensa equipe de trabalho composta por uma dezena de investigadores nacionais, conduzidos a se especializarem em diferentes subáreas geográficas e econômicas e em diferentes períodos históricos. A marca distintiva deste conjunto de intelectuais é a sua não filiação a alguma universidade ou curso acadêmico. Trata-se de pessoas assentadas em museus, arquivos, bibliotecas, institutos estaduais, nacionais e estrangeiros.<sup>20</sup>

No lapso de quatro anos, Freyre passa a escrever de sua casa em Santo Antônio de Apipucos, sua cidade natal, onde a polícia política "da ditadura tudo fez para reduzi-la a

pedaços". O "Estado forte" e os anos de "ditadura" o retraíram em seu estado,<sup>21</sup> onde se casou e comprou a casa-grande familiar. As dificuldades na concretização de projetos universitários duradouros, excetuando o caso da USP, bem-sucedido em sua "oposição independentista ao getulismo", apontam para um projeto "universalista".

Em 1946, Freyre reacumula sua herança social e reverte o fracasso acadêmico na capital se expondo como vítima política. Esta postura se consolida na fabricação de uma candidatura "de esquerda", a partir do prestígio intelectual que gozava entre seus alunos da Faculdade de Direito do Recife. É eleito constituinte e depois deputado federal pela UDN. Até 1949, do Congresso, Freyre fez cultura através da política. Por ele destacadas são sua participação na "questão do livro didático" e na fundação de um instituto de pesquisas para o Recife. Por volta do final deste ano, reinstalado na capital e coroando o término de seu "mandato", vê sair a sexta edição de *Casa-grande e senzala*. Na antessala política, Jorge Amado e outros literatos-políticos haviam postulado o seu nome como candidato do Brasil ao Prêmio Nobel.

No prefácio a esta sexta edição convergem, pela primeira vez, os esboços da mais dura batalha simbólica que se travaria em torno da recepção de *Casa-grande* durante os anos 50: a explosão do reconhecimento internacional e da crítica "sistemática" da Sociologia uspiana em processo de consolidação, com seus "elementos nacionais", que passa a ser o novo *locus* para pensar o Brasil.

#### *Internacional-nacional: disputas pelo universal*

Freyre se regozija com as edições publicadas em 1946 e 1947 pela prestigiosa Editora Knopf em Nova York e em Londres. Em inglês, "latim sociológico" para Freyre, sua obra é *confirmada* finalmente como universal. O livro já independe do autor: através deste "título", que circula por forças relativamente independentes, o autor é *nominado*, na arena internacional, como representante nacional. Freyre se refere, daqui em diante, ao "livro brasileiro". Para o autor, *Casa-grande e senzala* muda de estado "depois do choque mais forte do trabalho brasileiro com a crítica estrangeira, menos especializada no estudo da substância particularmente histórica e regional do ensaio que voltada para o possível interesse humano do mesmo".

Além das críticas negativas, Freyre enfrenta, em sentido oposto, os julgamentos "mais especializados" no nível nacional, localizados em São Paulo. De um lado, discute as leituras que adjudicavam a Caio Prado Jr. (intelectual, editor de alta origem social e político da esquerda "independente", estreitamente vinculado à USP) "a caracterização sociológica da economia brasileira como monocultora, latifundiária e escravocrata". De outro, enfrenta, desta vez mencionando-o, uma das cabeças estrangeiras da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP),<sup>22</sup> Donald Pierson, que teria lido em *Casa-grande e senzala* uma contribuição unicamente de validade regional. A posição consolidada da Sociologia paulista já não podia ser ignorada. Devia ser mencionada como contribuição autorizada para dialogar com as afirmações contidas no livro. Além de investigadores estrangeiros, Freyre discute a contribuição dos recentes trabalhos de Fernando de Azevedo, Emílio Willems e Florestan Fernandes.

Entre ambas as percepções, nacional e estrangeira, regional e universal, Freyre distingue seu livro pela contribuição original em nível metodológico, na "combinação de várias técnicas de várias ciências (das chamadas sociais). O que faz 15 anos era visto como heresia".

José Olympio continua reeditando *Casa-grande e senzala* em 1952, em 1954, e a voz prefaciadora do autor não se expressa. Só reaparece na nona edição, de 1957. Durante esses anos, Gilberto Freyre é deslocado pela primeira geração de sociólogos brasileiros, herdeiros dos "missionários" estrangeiros da USP e já situados como titulares de cátedra das nodais Sociologia I e II, focos centrais em um processo de substituição de importações acadêmicas para a construção de uma Sociologia científica e nacional.

#### Pré e pós-Sociologias

Como demonstra Wanderley Guilherme dos Santos (1967, p. 190), na década de 50 são escritos trabalhos sociológicos pioneiros a seu modo. Destinados a interpretar a "memória nacional", autores como Fernando de Azevedo e Florestan Fernandes em São Paulo, e Djalma Menezes, Costa Pinto e Guerreiro Ramos no Rio de Janeiro inauguraram um gênero de interpretação sobre o estado do *pensamento social brasileiro* no qual se configuravam, como ferramenta cognitiva comum, classificações por gerações e etapas do conhecimento, dispostas para reificar uma divisão entre intelectuais científicos e pré-científicos. Nelas Gilberto Freyre, em que pese ser obrigatoriamente reconhecido como precursor, era caracterizado, inclusive pelo próprio Santos, como carente do "rigor da análise moderna" (Santos, 1967, p. 186).

Analisando mais detidamente os textos "da época" de Fernandes, é possível recuperar suas representações sobre Freyre e a definição da *nova* Sociologia que concorreu, pela redistribuição dos critérios de autoridade no campo intelectual, para deslocar valores para a apropriação de *Casa-grande e senzala* por *novos leitores*.

*Modernismo radical: substituir o velho e o estrangeiro*

Para Florestan Fernandes, a Sociologia científica-universitária arraigada na USP aportava ferramentas fundamentais na substituição das perspectivas "sociogeográficas e historiográficas" que impregnavam autores "já clássicos". Essas perspectivas para pensar a nação eram próprias dos "ensaístas, precursores e fundadores dos estudos sociológicos no Brasil": "De Tavares Bastos e Anibal Falcão a Euclides da Cunha e Alberto Torres, ou a Oliveira Vianna e Gilberto Freyre, sempre prevaleceram, nas tentativas de interpretação da realidade brasileira, intuídos cognitivos que punham ênfase na importância lógica da perspectiva histórica" (Fernandes, 1958, p. 219).<sup>23</sup> Estes autores teriam trabalhado um *padrão de análise histórico sociográfica* que provocava, até os anos 50, uma "fascinação" sobre a maioria dos sociólogos brasileiros, "inclinados a pensar que a explicação sociológica deve ser, por natureza, histórica [...] Essa convicção se funda teoricamente no aproveitamento superficial dos ensinamentos de alguns autores clássicos nas ciências sociais" (Fernandes, 1958, p. 218).<sup>24</sup>

Para Florestan Fernandes (1958, pp. 201-202), Gilberto Freyre contribuiu principalmente para a primeira das "três etapas" na história do conhecimento social sobre o Brasil, transformando a análise histórico-sociológica em "investigação positiva". Em compensação, não teve peso, senão relativo, na segunda fase, de introdução — por influência dos pesquisadores estrangeiros — da pesquisa de campo, que "dependia, naturalmente, do adestramento sistemático". Menos ainda os aportes de Freyre contribuiriam para "o progresso da teoria sociológica". Para Florestan Fernandes, essas três etapas podiam ser sintetizadas, por volta de fins dos anos 50, em uma única instituição no Brasil: a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP:

Em pouco mais de duas décadas se alcançou grande progresso em ambas as direções, o ensino e a investigação, de tal forma que se pode afirmar que as ciências sociais encontram, atualmente, possibilidades de desenvolvimento autônomo nessa instituição. Nela já se pode dispensar a

colaboração de professores ou de especialistas estrangeiros, fora de setores especializados de ensino e de investigação. (Fernandes, 1958, pp. 204-205)

Para Fernandes, o *padrão de trabalho científico dos sociólogos brasileiros* somente era possível naquela "ilha de vanguarda", com as ferramentas que Freyre, antes do tempo, não pôde conquistar para transmitir sua verdade:

O treinamento sistemático do investigador é a primeira condição e a mais importante de todas para a constituição e o contínuo aperfeiçoamento dos padrões intelectuais definidos de investigação científica [...] Com isso, *o ensino universitário se torna pedra de toque* da formação científica do etnólogo e o eixo fundamental da cadeia de influências, que possam dar menor ou maior relevância aos brancos teóricos da investigação. (Fernandes, 1958, p. 26).<sup>25</sup>

Finalmente, para entender esta nova proposta, por oposição à Sociologia difusa de Freyre, deve-se considerar que, para Fernandes, só a universidade era o âmbito capaz de assegurar uma condição de igualdade e liberdade de pensamento. Falando de uma *sociologia do conhecimento*, Fernandes pensava os condicionantes sociais ao pensamento sociológico, concluindo pela inevitável continuidade de idéias entre a sociedade que Freyre pensava e a própria trajetória social deste investigador, considerado inevitavelmente como "do passado":

[...] é claro que a sociologia [...] dificilmente poderia encontrar condições acessíveis de integração a uma sociedade escravocrata e senhorial [...] Em tais condições, apresentava a maior importância para a ordem social os critérios de seleção de personalidades aptas para desempenhar papéis intelectuais ativos na construção do sistema de concepção do mundo. O tamizamento se fazia de maneira a garantir a fidelidade manifesta à ordem patrimonial: aos interesses sociais, políticos, econômicos das famílias grandes e de dominação senhorial [...] Uma situação dessa espécie conduzia, naturalmente, a uma relativa indiferenciação dos papéis sociais inerentes às atividades intelectuais. Na mesma posição social se encontravam papéis sociais discrepantes, que iam das

atividades de liderança no grupo doméstico e na propriedade rural às atividades profissionais no âmbito das profissões liberais e da burocracia onde se introduziam as atividades intelectuais. (Fernandes, 1958, pp. 191-192)

A interpretação destas imagens sobre a relação Sociologia/sociedade ganha relevo se se esboça o contraste entre alguns pontos-chaves nas trajetórias sociais e intelectuais de Gilberto Freyre e Florestan Fernandes.

#### *Esboço de posições polares no campo da Sociologia*

##### O imigrante e o profissional.

Na ocasião da conjugação desses enunciados, Florestan Fernandes acabava de incorporar em sua pessoa uma configuração de condições sociais muito singulares, que o posicionavam em oposição a Freyre no campo intelectual de fins dos anos 50. Em 1955 havia conquistado, como primeiro brasileiro, a titularidade da cátedra de Sociologia I da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.<sup>26</sup> Esta era a cátedra "nobre", "profissional", "internacional", "de investigação" na mencionada instituição. Fora inaugurada por Lévi-Strauss em 1934, ano de fundação da USP, e três anos depois assumida por Roger Bastide, que a depositou nas mãos de Fernandes antes de seu regresso à França. A outra cátedra sociológica era, por oposição, mais "tradicional", dedicada a uma sociologia de gabinete, especializada em sociologia da educação e sociologia geral. Desde a sua fundação foi ocupada por Pierre Arbusse-Bastide, a quem sucedeu, em 1943, Fernando de Azevedo. Como vimos, este "educador profissional", que teve um papel decisivo na fundação da USP, exercia, em meados dos anos 40, uma atividade acadêmica paralelamente a seu engajamento em "questões públicas".<sup>27</sup>

Florestan Fernandes graduou-se na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e fez mestrado em Sociologia na pioneira Escola Livre de Sociologia e Política. Se na primeira fase de estudante foi formado pelos "missionários" franceses, nesta última instituição foi aluno de Donald Pierson (representante da Sociologia de Chicago) e dos "missionários" americanos. Se sua grande

tese inaugural foi etnológica, seu labor progressivo foi sociológico. A força com que Florestan irrompeu no cenário intelectual só se compreende se se observam as enormes "rupturas" de fronteiras culturais e sociais por ele experimentadas. O sentimento de excepcionalidade de sua vida universitária é ressaltado ao conjugar a forma de sua seleção, "por uma prova em que só seis passaram", com sua convivência íntima com professores que davam aulas em outras línguas, tendo em vista sua origem social e os efeitos de suas trajetórias.

Fernandes era filho único de mãe de origem portuguesa, viúva e lavadeira. Trabalhando como vendedor durante a infância e a juventude para ajudar na casa, situada em um bairro pobre de São Paulo, sua escolarização básica foi acidentada, tendo que completar a escola em curso supletivo e trabalhando como garçom em um café próximo a instituições culturais. Entre a boêmia e um ambiente "cultural", incorporou desde jovem posições políticas de esquerda. Em meados dos anos 40, seu ingresso na universidade teria ocorrido pela sedução da carreira com o nome mais parecido a "socialismo" (Fernandes, 1995, p. 3). Sua formação era atípica comparada à experiência comum de outros intelectuais renomados da época, nutridos por viagens e formações no estrangeiro. Sua conquista da cátedra de Sociologia na USP representava a ascensão de novas camadas sociais à cena cultural: descendentes de imigrantes, classes médias. Florestan era um representante "puro" do intelectual brasileiro.

##### O padre e o bacharel.

Gilberto Freyre nasceu com o século, em uma casa-grande da periferia do Recife. Herdeiro de uma família tradicional ligada ao mundo do açúcar, foi formado por instrutores particulares ingleses, franceses e por seu pai no aprendizado do português e do latim. Seus estudos secundários foram realizados no Colégio Americano, onde se formou com 17 anos. Daí partiu para completar seus estudos nos Estados Unidos, onde se graduou em Artes Liberais, com especialização em Ciências Políticas e Sociais, pela Universidade de Baylor. Posteriormente, fez estudos de pós-graduação na Universidade de Columbia, onde foi

discípulo, entre outros, de Franz Boas e obteve título em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais.

Como vimos, suas tentativas de construção de uma posição universitária sociológica foi abortada pelos "dilemas da institucionalização nas ciências sociais no Rio de Janeiro" (cf. Almeida, 1989). Nos anos 40, lecionou Sociologia na Faculdade de Direito do Recife e, desde começos dos anos 50, sua atuação intelectual-institucional passou a girar em torno do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, na mesma cidade (cf. Freston, 1989). Freyre pretendeu criar um modernismo reconvertendo posições sociais "tradicionais". Sua acidentada trajetória intelectual no Brasil redirecionou sua atenção para o reconhecimento pela via internacional, trabalhada desde seus primeiros estudos universitários.

### *Financiar e publicar: a realização de um movimento de vanguarda*

Como o incisivo discurso de Fernandes deixa entrever, não estavam definitivamente reunidas "todas as condições" para a imposição da nova Sociologia, da qual surgia como porta-voz. Este autor sistematizou o passado e a herança cultural no *pensamento social*, diagnosticou seu presente institucional e, como um profeta ético, visualizou os dilemas de sua comunidade para, a seguir, postular possíveis soluções.

Como ele, em seu círculo universitário e em nível nacional, havia "poucos". Em seus escritos da segunda metade dos anos 50, Fernandes ressalta dois problemas que suas indagações sobre "o impacto das ciências sociais no meio social ambiente" tentaram resolver: recursos financeiros e público — dois problemas de *leigos*:

O desenvolvimento das investigações científicas depende, mais extensamente e profundamente do que se imagina, do modo pelo qual os leigos representam a natureza e importância do saber científico. Em última instância, as decisões que afetam a posição das ciências sociais na educação, na vida prática e na política de uma nação são tomadas por leigos. (Fernandes, 1958, p. 213)

Numerosas vezes Fernandes menciona as dificuldades que sua equipe de trabalho teve para conseguir *financiamento* (indispensável para fechar o círculo da autonomização e legitimação disciplinar) para os novos objetos de investigação que sua geração de colegas brasileiros pretendia estudar nessa década: organização ecológica de São Paulo; aculturação dos italianos; industrialização e urbanização de São Paulo. Pensar São Paulo era uma palavra de ordem.

Por outro lado, ele, sua geração, uniformemente educados pela universidade paulista, já estavam especializados, eram *sociólogos profissionais*. No entanto, a rapidez da especialização científica e a *publicidade* de suas propostas não contava, segundo sua percepção (e, como se verá, de acordo com a configuração das populações de leitores potenciais da época), com um público leitor especializado e muito menos com um público *leigo* consumidor. Este fator marca uma decisiva diferença e explica não só o pequeno alcance da circulação dos textos destes sociólogos, como também o lugar de um livro como *Casa-grande e senzala*, sua grande força "pública" na época, e a antessala para seu deslocamento do jogo da disciplina sociológica. Para Fernandes (1958, p. 220), "as expectativas intelectuais dominantes nos círculos letrados brasileiros operam no mesmo sentido". Por oposição, "as contribuições sociológicas que não possuam teor histórico-sociográfico dificilmente conseguem ser assimiladas e entendidas como obras de 'valor' pelo público a que elas se destinam". A formação de um *público orgânico* era possível somente em São Paulo, por sua experiência universitária consolidada. Este tipo de público, segundo ele, devia crescer como resultado da comunicação prolongada dos especialistas entre si e com as "novas gerações" de estudantes. Se este processo não estava completo, muito menos avançado estavam os esforços de cativação de um *público leigo*. Este "não sofreu modificações que comportem relações construtivas contínuas com os círculos brasileiros de produção" científica. Só esta comunidade de leitores (especializados e leigos) representaria a concretização da versão brasileira de seu horizonte de expectativas culturais: uma *civilização científica*, capaz de "formar uma nova concepção de

dignidade e do valor da pessoa humana" (Fernandes, 1958, p. 185).

#### *Leitores e editoras*

*Profecias e sacerdócio são os dois fatores da sistematização e racionalização da ética religiosa. Mas temos um terceiro fator, o "laico", sobre o qual recai a influência ética de sacerdotes e profetas. (Max Weber, 1992, p. 355)*

A experiência universitária paulista não foi experimentada com igual sucesso em outras regiões do Brasil durante os anos 50. Segundo Simon Schwartzman (1987, p. 60), somente São Paulo, "cidade provinciana apesar de sua importância econômica crescente, teve condições de criar um meio universitário bastante significativo; o Rio de Janeiro, em comparação, era a capital do país, foco de atenção nacional, porém jamais [...] pôde desenvolver uma ciência social acadêmica comparável à de São Paulo". O ISEB no Rio de Janeiro, a Fundação Joaquim Nabuco (1949) no Recife e a Faculdade de Ciências Sociais (1949) em Belo Horizonte marcavam experiências híbridas, no meio do caminho entre a política e a cultura.

Em 1964, ano do golpe militar e da 13ª edição de *Casa-grande e senzala*, havia em todo o Brasil 1.944 alunos de ciências sociais, fração singular dentro das subcategorias de cursos que abarcava a classificação *filosofia, ciências e letras* (ciências humanas) (Werneck Viana *et al.*, 1994, p. 409). Este número não equivale sequer aos leitores potenciais absolutos de uma tiragem média, para a época, de 2 mil exemplares. Nas Ciências Sociais da USP, nicho produtor dos *leitores orgânicos* de Fernandes, se haviam graduado entre 1936 e 1955 150 alunos (7,5 por ano); na Escola Livre de Sociologia e Política foram 130 (6,8 por ano). Ou seja, em fins dos anos 50 era possível reunir uma congregação potencial de trezentos *leitores orgânicos* (duradouros, "feitos em São Paulo"), ou em vias de "organização" e aptos para decifram sua mensagem.

Para novos especialistas e novas mensagens, novos públicos e novos meios de edição. Diferentemente

*dosensaístas*, que publicavam nas editoras dominantes no mercado, "casas" que marcaram época combinando em seus catálogos ensaios, literatura "nacional" e livros para o grande público (José Olympio no Rio de Janeiro, Martins e Cia. Editora Nacional em São Paulo, Globo em Porto Alegre), os "sociólogos profissionais", munidos de textos de estilo monográfico, publicavam suas pesquisas parciais nas pioneiras revistas especializadas e suas sínteses, já julgadas pela comunidade acadêmica, em livros editados por editoras novas, surgidas nos anos 40 concomitantemente ao desenvolvimento destas revistas. Publicavam também em outro apêndice básico na construção de sua autonomia intelectual e institucional: as revistas estritamente acadêmicas de ciências sociais lançadas por instituições de ensino: *Sociologia*, da ELSP, apareceu em 1939, e a *Revista de Antropologia*, em 1954. Muitos, ainda, tornavam *públicas* as suas idéias publicando seus trabalhos por duas inovadoras editoras comerciais: Anhembi (Paulo Duarte) e Brasiliense (Caio Prado Jr.). Ambas possuíam revistas homônimas "de cultura" onde o debate cultural especializado também ganhava cores políticas (cf. Miceli, 1989b, pp. 104-109).<sup>28</sup> Segundo Miceli (1989b, p. 106):

Ambas as revistas estavam lidando com a agenda de temas e preocupações de um público cultivado e composto de profissionais liberais, altos funcionários e empresários bem-sucedidos, com uma presença significativa de judeus de segunda geração cujas famílias haviam vivido experiências dramáticas de perseguição racial ou de militância política aqui e na Europa. *Anhembi* e a *Revista Brasiliense* representavam as vertentes culturalistas de direita e esquerda em vigência no campo intelectual paulista. Eram veículos que se enquadravam em uma espécie de divisão do trabalho de aconselhamento cultural qualificado.

Por oposição a esse quadro de correlações entre intelectuais, editoras e públicos, Fernando de Azevedo, por exemplo, era publicado com apoio oficial ou por antigas editoras que, considerando a moda de estudos sociais e sua possível repercussão didática (talvez, à espreita desta), haviam aberto espaço para eles entre os seus já estratificados catálogos (por exemplo, a Companhia

Melhoramentos de São Paulo). Florestan Fernandes e outras "figuras de transição" da época (Roquete Pinto, Anísio Teixeira, Artur Ramos, Djacir Menezes, Roberto Simonsen, Carneiro Leão) eram publicados, predominantemente, pelos selos brasileiros concebidos por Gilberto Freyre e outros líderes *já consagrados* que predominavam no "pouco diferenciado" campo intelectual e editorial do Rio de Janeiro. Estas publicações se somavam em catálogos centrados "em torno das grandes obras literárias, dos ensaios dos publicistas, juristas e pensadores autoritários, da fornada considerável de trabalhos históricos e apologéticos" (Miceli, 1989b, p. 108).

É deste mesmo campo de tensões que extraem seus sentidos tanto as tomadas de posição de autores como Florestan Fernandes, pretendendo marcar livros como *Casa-grande e senzala* como *algo do passado*, como as apostas ameaçadas de Gilberto Freyre, buscando a salvação para as dimensões mais sagradas e menos discutíveis do patrimônio e panteão literário da nação: em uma "guerra do tempo", os autores, com suas publicações, disputam a juventude, escrevendo, ambos, em nome de jovens leitores.

### *Juventude eterna e juventude de um homem novo*

Para a resposta de fins de 1957, Freyre, como sempre, utiliza o melhor escudo possível: o prefácio, gênero escrito colado a um texto já consagrado, uma introdução renovadora. Para combater, encontra-se em uma fortaleza incomparável, resguardada com outra reedição norte-americana (1956), a recente edição francesa, rapidamente devorada e reeditada por Gallimard (1953), uma edição em Portugal (1957) e a marca de 50 mil exemplares vendidos em língua portuguesa. Em 1956, o livro foi objeto de um seminário de estudos no Castelo de Cerisy, na França, organizado pela Universidade de Sorbonne, ao qual assistiram os papas internacionais da Sociologia e da História como Braudel, Gurvitch, Sombart. No mesmo ano Freyre foi nomeado um dos quatro conferencistas da reunião mundial de sociólogos em Amsterdã. Ainda em 1956 Freyre foi convidado a participar, como representante da Sociologia mundial, de um Radio-Symposium em Washington e, em 1957, recebeu por *Casa-grande e senzala* o

prêmio Anisfeld Wolf para o melhor trabalho mundial sobre relações raciais. Durante os anos 50, também recebeu títulos honoríficos em numerosas universidades na Europa, Estados Unidos e América Latina.

O tom do prefácio volta a ser meramente metodológico.<sup>29</sup> À incompreensão local de uma "metodologia complexa" Freyre contrapõe "a melhor das compreensões por parte dos críticos europeus mais autorizados", que certificam que *as generalizações que o livro contém são de validade universal e não apenas latino-americanas*. A desqualificação "metodológica" local é associada à sua liberdade de expressão "um tanto fora das convenções acadêmicas então dominantes. Ensaio sociológico ao mesmo tempo que antropológico e ecológico-social, histórico-cultural, científico sem deixar de ser humanístico. Às vezes até apoiado no folclore [...] em uma linguagem livre do jargão acadêmico" (Freyre, 1966, p. CV).<sup>30</sup>

Fugindo do campo de disputas do qual estava definitivamente deslocado, ali onde os autores "acadêmicos" detinham a ordem disciplinar do discurso, Freyre, escrevendo de agora em diante de Apípicos, move-se simbolicamente em direção ao único refúgio do universal capaz de manter e reproduzir sua verdade não universitária: *a literatura*, reino da palavra "liberada" e da linguagem sensível do gosto e do amor à arte (cf. Bourdieu, 1992).

### *O outro universal. Saída literária do jogo sociológico*

Sua própria "complexidade metodológica" é, para Freyre, "transregional, transcontinental e supranacional", onde convergem a ciência e o humanismo, uma unidade de tendências como Picasso e Lindsay experimentam com sua arte unitária de base antropológica, assimilando o primitivo ao civilizado, servindo-se da literatura tanto quanto do folclore, uma "empatia às vezes poética", para realizar sínteses interpretativas, ali onde "um Goncourt, um Proust, um Henry James, em sua literatura de ficção", se fazem "às

vezes quase equivalentes de uma história social que fosse também uma história psicológica".<sup>31</sup>

Como fecho deste prefácio, Freyre condensa o nome da síntese teórica que a experiência histórica brasileira dá à humanidade: a lusotropicologia, programaticamente lançada em nível internacional na Índia em fins da década.

O estado difuso deste combate de idéias se aclara dois anos depois, no prefácio à 10ª edição da José Olympio. Para Freyre, o pioneirismo imanente de *Casa-grande e senzala* era compreendido somente pela arguta crítica estrangeira e pelo público brasileiro. O dilema de deixar a arena do debate acadêmico local para tornar-se clássico, alguém fora do tempo (ou seja, do jogo), passa a ser permanente. Freyre passa a perceber o seu livro como contendo uma eterna juventude, o que explicaria a multiplicação de edições e de leitores da obra, criada por um "autor jovem":

É um consolo para um homem já no declínio da existência sentir-se assim contemporâneo de seus compatriotas mais jovens, mais por escolha deles que por empenho de sua parte; e, através de páginas lidas e discutidas por esses jovens quase como se tivessem sido escritas por um deles, e não por um indivíduo já remoto.

Agora Freyre compreende "homens já gloriosos e até olímpicos do Brasil, como Joaquim Nabuco, Graça Aranha, Farias Brito, Assis Brasil, que, se não receberam homenagens entusiásticas de seus compatriotas igualmente *provetos*, as receberam sinceras e até vibrantes dos moços do Rio, São Paulo e Recife". No prefácio à 13ª edição de 1964, Freyre intensifica uma luta contra o tempo e "contra os ortodoxos e sectários", com seus *ismos*. Como em uma cruzada, exclama:

[...] o autor não se surpreende com explosões mais ou menos violentas desses sectários contra seu livro, cujo envelhecimento reclamam com a maior das ênfases, pretendendo que seja substituído, na preferência das novas gerações, por obras por eles, sectários, consideradas primas, de historiadores ou de sociólogos ou de antropólogos ou de filósofos de orientação *new horizons* agradáveis a seus

preconceitos ideológicos: obras anticolonialistas e antibéricas principalmente.

Do outro lado do Atlântico, "a confirmação" também muda de estado. Como marcas de ingresso em um patrimônio, de já haver sido discutido e valorado, Freyre escreve que Braudel considera *Maitres et esclaves* "como já clássico". Gallimard em dez anos tirou oito edições, vendendo quase tantos livros quanto em português. O mesmo ocorreu em Nova York, onde *The masters and the slaves* saiu em *paper back* e formato popular com tiragem de 50 mil exemplares, quantidade que reclamaria um inglês para a Grã Bretanha. Também nos Estados Unidos Aldous Huxley teria tido a idéia de rodar um filme "dramático" e Arthur Rabin projetava uma produção para a televisão. A materialidade do livro e dos produtos culturais dispostos em um mercado independe da vontade do seu autor, que deve objetivar sua posição perante a lógica particular destes bens culturais, perdendo e ganhando, mas sempre usando-os como marca suprema de consagração. Refletindo sobre estes condicionantes, Freyre vale-se deles para representar-se como pode e tirar o maior proveito possível dessa lógica cultural que o arrasta ao difuso mundo do clássico:

Um livro não se comporta senão de acordo com sua própria vitalidade. À revelia do Autor e à revelia de quantos, por isto ou por aquilo, pretendem destruir ou desacreditar ou desatualizar ao Autor [...] *Casa-grande e senzala* continua a desmentir tranquilamente, no Brasil e no estrangeiro, seus detratores, e a atrair a confirmação de mestres para os quais continua, segundo eles, vivo e válido [...] Continua sendo um livro, segundo mestres da Sorbonne e de Harvard, moderníssimo, e não tardará em aparecer em Israel em língua hebraica: edição anunciada para este ano que revela novo aspecto não só da modernidade como da universalidade do livro brasileiro.

O tom do prefácio à edição de 1966 é mais desesperado ainda e enuncia os mesmos terrenos de disputas: *a juventude e o tempo*.<sup>32</sup> Segundo Freyre, outras duas novas edições em português confirmam, no nível nacional, a "sede de saber e a ansiedade de conhecimento de jovens difíceis de serem desviados de seus desígnios, por quantos supostos

mentores de novas gerações vêm pretendendo preveni-los contra o autor e o livro do particular desprezo desses mesmos mentores, tachando os livros de antiquados, e ao autor de superado".

Freyre sente que lhe lançaram "decretos radicais de extermínio, sentenças de morte". Só lhe cabe refugiar-se no comando de seu projeto institucional, no Recife, e auto-estimar-se entre outros "célebres ameaçados, como Gilberto Amado, Ortega y Gasset, Malraux". Para ele, não há mais sossego que considerar perdida a batalha e tomar *Casa-grande e senzala* como "inclassificável".

### Conclusão

A fama de Freyre, ascendente, descendente e finalmente estabilizada no atual panteão, decantou sobre sua pessoa, seu livro maior, sua obra uma malha de afirmações impensadas. Desta maneira se cria um efeito de continuidade ou consenso entre as representações dos críticos, editores e "estudiosos" naturalizadas pelo próprio autor. Ao final de sua carreira, já marcado como clássico, tudo se passa como se nenhuma disputa houvesse forjado o caminho do mundo intelectual. As análises textuais e os gêneros biográficos contribuem para isso ao perseguirem origens e essências, como exemplifica a "nota do editor" que, pela época final de nossa indagação, afirmava: "eis aqui em breves linhas a Gilberto Freyre que, como 'intelectual independente', se considerava principalmente escritor com treinamento sistematicamente sociológico e antropológico, e não professor dessa ou daquela especialidade, com compromissos com qualquer instituição [...]. É que prefere o título de escritor a qualquer outro".

No entanto, recuperando as representações do mundo intelectual do autor e lhes dando sentido ali onde Freyre se "encontra englobado e compreendido como um ponto" (Bourdieu, 1992: 14; Foucault, 1971), diante de seu livro e das leituras, é possível passar do mundo das essências à compreensão do impressionante esforço que foi preciso mobilizar para fazer Freyre e *Casa-grande e senzala* existirem

até nossos dias, intensificando, longe de querer destruir, a experiência literária e sociológica.

A mesma perspectiva pode recair sobre Florestan Fernandes, para se compreender como, hoje, talvez já seja o autor mais significativo nas *ciências sociais* no Brasil desta metade de século.<sup>33</sup> Já longe do claustro, Florestan, como Freyre com sua Fundação Joaquim Nabuco, também possui seu culto, enquanto "ninguém duvida" que já *é um clássico*.

Hoje é possível observar a ambos os autores em uma posição homóloga. Esta condição permite compreender melhor que o deslizamento para o passado não é algo mecânico e não se dá sem disputas para impor as categorias de percepção e apreciação legítimas que temporalizam este campo cultural, como uma configuração histórica entre outras possíveis, ao fazer sua própria história balizando o tempo com os autores que marcaram época.<sup>34</sup>

As relações atuais entre ciências sociais e literatura se aclaram com a análise de certas "vidas" de outros "tempos" que dão forma à produção do presente. Colegas e discípulos de Florestan Fernandes e outras linhagens intelectuais brasileiras chegaram ao consenso, desde meados dos anos 80, em sintonia com paradigmas "internacionais", da boa convivência de umas ciências sociais com inspiração literária. Uma marca indelével deste processo "na longa duração" talvez esteja dada pela reaparição da linguagem "ensaística", o novo *boom* das biografias e a fundação de novas Coleções Brasileiras, aquelas que Florestan com tanto esforço buscou erradicar. No entanto, as linhas de força derivadas de disputas classificatórias como a analisada se multiplicam por trás de lógicos interesses de herança intelectual. Discípulos e mestres se encontram em mitos unificadores reinventados periodicamente. Fernandes é apropriado com toda força pelos ritos que remetem tudo ao modernismo de 1922. Aqueles nos quais a hagiografia intelectual não admite Freyre, ao qual reservam um mito fundador menor, originário de uma genealogia "menor" ancorada no Congresso Regionalista de 1926.

Como num prisma, outra configuração de filtros cognitivos reorienta, na atualidade, os critérios para a apropriação de um livro como *Casa-grande e senzala*. A rigidez técnica dos escritos da época de Florestan e sua geração é posta em dúvida pela habilitação disciplinar da "empatia poética" para interpretar a sociedade, que Freyre reclamava. As teorias da globalização exaltam o hibridismo cultural, que com termos aparentados Freyre sugeria como uma imagem de *blurred genres* do social. No estudo dos "processos de civilização" (e de um ponto de vista "sociogenético e histórico social", como Freyre rotulava), ganha força o paradigma eliasiano que, a seu modo, também se valeu de receitas de cozinha, modos de levar o corpo, manuais de etiqueta e outras sutilezas da distinção social que marcaram os pontos de fuga para transformar a violência direta em vias de monopolização em violência incorporada, silenciosa, simbólica, que atua como autocensura na "sociedade dos indivíduos".<sup>25</sup>

Mas Freyre e *Casa-grande e senzala* estão muito marcados e entranhados pelas camadas de idéias que os fizeram clássicos, rotulando-os, entre outras coisas, como *autor* e *livro regionalistas*. A idéia de região é muito poderosa na história cultural brasileira. Nada impede pensar que Florestan e os da "sua geração" estavam pensando mais São Paulo que Freyre Recife. Ambos disputando representar o Brasil com projetos civilizadores e em um mundo de nações. Ambos buscando a glória da universalidade e criando a arbitrariedade sobre seu país.

## NOTAS

<sup>1</sup> Como enuncia seu subtítulo, *Casa-grande e senzala* é um *ensaio* sobre a "formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal". Dentre suas contribuições marcantes se pode assinalar o deslocamento das perspectivas de raça para as de cultura nos esquemas de compreensão da história das relações entre índios, escravos e portugueses, e a apresentação da *formação* histórica do Brasil como uma sociedade híbrida, capaz de oferecer uma

experiência de relações humanas original, "lusotropical", para a história universal.

<sup>2</sup> Para Benedict Anderson (1933, p. 24), "as comunidades não devem se distinguir por sua falsidade ou por sua legitimidade, mas sim pelo estilo com que são imaginadas". Este autor sugere que as comunidades nacionais, como algumas entre outras variantes históricas possíveis, não podem realizar-se sem o *capitalismo editorial*. Assim, as línguas nacionais são, antes de mais nada, línguas nacionais impressas e identificadas por línguas literárias.

<sup>3</sup> Para completar este quadro, pode-se dizer que, para estes autores, São Paulo era uma *sociedade em transição*, industrialmente crescente, com estrutura social estratificada e possibilidades de mobilidade social. Condição objetivada no destaque de novos estratos médios, como o dos novos sociólogos, conformados majoritariamente pelos descendentes de imigrantes europeus (Míceli, 1989b).

<sup>4</sup> Com base nas propostas de Míceli em *Imagens negociadas* (1996), é possível afirmar que, assim como os retratos na produção pictórica de Portinari, os prefácios de Freyre talvez sejam os objetos ideais que, sistematicamente recorrentes na trajetória do ensaísta, permitam interpretar de maneira estratégica as energias, de variadas espécies rentáveis para se fazer reconhecer, condensadas nos textos do criador. A partir dos prefácios, o sociólogo da cultura pode extrair indícios e marcas sem igual sobre todas as relações e condições de possibilidade da escritura, por detrás dos textos. Só assim é possível explicar o sofrimento, não menos que a glória, de uma pessoa situada em redes de relações mutuantes que o aprisionaram ao longo do tempo. Neste sentido, o perfil da análise usa proposições de Bourdieu, quando este considera que "a análise das versões sucessivas de um texto não obterá sua plena força explicativa mas visa *reconstruir* a lógica do trabalho de escritura, entendido como busca realizada sob a pressão estrutural do campo e do espaço dos possíveis que ele propõe. Se compreenderão melhor as dúvidas, os arrependimentos, os retornos, se se sabe que a escritura, navegação dificultosa em um universo de ameaças e perigos, é também guiada, na sua dimensão negativa, por

um conhecimento antecipado da recepção provável, inscrita em estado de potencialidade no campo [...] O escritor, tal como o concebia Flaubert, é aquele que se aventura fora das rotas balizadas do uso ordinário e que é experto na arte de encontrar a passagem entre os perigos que representam os lugares comuns, as idéias recebidas, as formas convencionais." (Bourdieu, 1992, pp. 277-278).

5 Finalmente, as conclusões pretendem tirar proveito não tanto do que *Casa-grande e senzala* foi, mas sim de como chegou a ser o que é hoje em dia. Os esboços interpretativos deste texto são pensados como disparadores de perguntas e ordenadores de relações para pensar meu objeto de pesquisa, que busca aprofundar a comparação entre diferentes estados do campo editorial no Brasil. Os avanços alcançados nos estudos sobre a história de editoras como a José Olympio, sobre o mundo intelectual entre 1930 e 1940 e sobre a primeira recepção internacional de *Casa-grande e senzala* (em Buenos Aires) permitirão, em breve, acrescentar um novo capítulo a este texto e adensar suas propostas e intenções.

6 A dinâmica de "nacionalização" na apropriação do autor e sua obra dilui progressivamente as referências genéticas de *Social life in Brazil in the middle of the 19th century* (1923), monografia orientada por Franz Boas na Universidade de Columbia. O enfoque da origem internacional dos projetos nacionalistas ofereceria uma perspectiva pouco explorada para a interpretação da consagração desta obra.

7 As citações de *Casa-grande e senzala* foram extraídas da 14ª edição em língua portuguesa (José Olympio, 1966).

8 Em 1937, a Schmidt era uma editora grande para a época. Nesse ano, publicou 20 títulos e 100 mil exemplares, o que significa uma tiragem média de 5 mil por título. Não seria errado arriscar que pelo menos 20 mil exemplares de *Casa-grande e senzala* circularam até o fim da década nas cinco principais capitais do país. Este é um número expressivo, segundo os padrões da época, para um título "cultural" e cujo preço de venda do exemplar de capa mole duplicava a média de 10\$000. As observações sobre o campo

intelectual entre 1936 e 1944 foram extraídas de um estudo dos *Anuários Brasileiros de Literatura* (daqui em diante *ABL*).

9 Ainda em 1939, segundo a bibliografia dos *ABL* (organizada por Áureo Ottoni, responsável pela bibliografia da Biblioteca Nacional), dos 206 títulos incluídos nesta "categoria" (76 de Direito; 31 sobre legislação do Estado Novo; 20 de Política; 16 de Economia; 16 libelos nacionalistas; 10 títulos de comércio, 10 sobre o Estado Novo; 9 de Educação e 4 de Estatística e Psicologia), somente 9 apareciam como de Sociologia.

10 *Atrélada* a este movimento, a obra de Freyre somente é compreensível à luz do princípio de autoridade que o une a José Lins do Rego, Graciliano Ramos e os "autores da Casa" José Olympio, razão unificadora subjacente à imposição e consagração destes valores já clássicos da história cultural nacional. A impossibilidade de abarcar esta questão neste artigo obriga a um outro "capítulo", já em vias de confecção.

11 Nasce um estilo. Segundo Edson Nery da Fonseca, Gilberto Freyre era, em 1958, o "escritor" que, depois do espanhol Gregorio Marañón (219), mais prefácios escreveu no mundo: 150. De longe o seguiriam Paul Valéry (50), André Gide (47) e J.L.Borges (38) (Freyre, 1978). Este prefácio desaparece a partir da segunda edição, quando é introduzido um estudo de Antonio Candido, figura central na evolução da Sociologia e da Literatura uspianas. Pode-se ver neste deslocamento uma questão de fricção intelectual relativa às considerações tecidas na segunda parte deste artigo, e que tem a ver com uma apropriação "paulista" de *Raízes do Brasil* e seu autor.

12 Esta coleção, dirigida desde seu início, em 1931, por Fernando de Azevedo, marcou um estilo de edição. *ABrasileira* de José Olympio, dirigida por Freyre, confirmou o papel dominante deste estilo de publicação das mensagens *sobre o Brasil e a brasilidade*, uma vez que a coleção também foi um pilar para que José Olympio se transformasse no selo cultural mais importante do Rio pelas décadas seguintes, ocupando e cumprindo, assim, uma posição e um papel homólogos aos da Companhia Editora

Nacional de São Paulo. A direção das coleções afirma, correlativamente, o peso de Azevedo e de Freyre como intelectuais dominantes nos ambientes culturais de suas respectivas cidades (ver Pontes, 1988).

13 Em 1937 o autor era de tal forma consagrado que a crítica falava da *escola sociológica de Gilberto Freyre* (ABL, 1937, p. 24) e Agripino Grieco, talvez o mais renomado crítico literário da época, dispensava analisar a obra de Freyre, já que, em 1936, junto a José Lins do Rego, Jorge Amado e Érico Veríssimo, a ela já se haviam dedicado inúmeros trabalhos analíticos (ABL, 1937, p. 11).

14 Em 1984 a obra de Freyre é vendida à Editora Record. Este evento, a ser analisado em um próximo texto, é preñado de significados sobre as transformações estruturais nos modos de organização das relações e modos de dominação culturais no Brasil e pode ser simbolizado como uma passagem "da casa à empresa", da cultura ao mercado, do nacional ao internacional.

15 "*Vertu magique de la nomination*" (Bourdieu, 1992, p. 13).

16 Freyre é confirmado como "autor da Casa". Isto significa a inserção em um meio de produção cultural "patriarcal", onde José Olympio gerava uma comunidade enlaçada por estreitos vínculos de parentesco. As relações de José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Gilberto Freyre, principalmente, com "Jotaoh" e sua família eram de "compadrio", formando um sistema de trabalho impossível de ignorar no estudo de suas obras.

17 Com bastante antecedência em relação a outras praças, Buenos Aires foi o primeiro lugar de reconhecimento internacional tanto da obra de Freyre como de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, dois monumentos *dopensamento social brasileiro*. *Os Sertões* foi publicado em 1933 em uma coleção especializada em textos sobre o pensamento brasileiro. Já *Casa-grande e senzala* foi publicada pelo Ministério de Instrução Pública e reeditada no ano seguinte por uma casa comercial que posteriormente dominaria o pólo literário do campo editorial na Argentina, a Emecé. Como se produziram, historicamente, esquemas intelectuais fora do

Brasil para perceber quão interessante é publicar os "problemas brasileiros"? A indagação sistemática de coleções e experiências em outros países sobre o Brasil confluiria originalmente para compreender a gênese dos mecanismos seletivos que criaram e legitimaram as sistematizações nacionalistas brasileiras e seus autores no Brasil. Inversamente, um estudo sobre as coleções ou editoras que no Brasil se preocuparam seletivamente com o "outro" nacional seria fundamental para a compreensão do poder simbólico das mensagens nacionalistas brasileiras e seus estilos para pensar a comunidade nacional. Assim se daria relevo a processos silenciados na construção das imagens do país na competência, nas alianças e distanciamentos diante de outras culturas nacionais.

18 Para resolver este dilema, e como indício da posição ascendente que gozava Gilberto Freyre em começos da década, *Casa-grande e senzala* ganhou a revisão literária de Aurélio Buarque de Holanda, autor do "mais completo" dicionário de português *brasileiro*. Isto evidencia o *status* de Freyre entre agentes encarregados de produzir a "língua nacional *standard*" e "a unificação do mercado de dominação simbólica" (Bourdieu, 1982, pp. 28 e 34).

19 A importância de Freyre como fonte autorizada se amplifica se se considera que depois dele figuram nomes como Euclides da Cunha, citado 40 vezes, e Afrânio Peixoto, outra das figuras do truncado experimento da UDF, citado em 23 oportunidades.

20 Um colaborador íntimo foi Diogo de Melo Meneses. A julgar pelo tom apologético da precoce biografia que Meneses lhe dedica — *Gilberto Freyre* (Casa do Estudante do Brasil, 1944; prefácio de Monteiro Lobato) —, esta comunidade deve ter funcionado como séquito de consagração do mestre (cf. Weber, 1992).

21 As relações de Freyre com o Estado Novo foram extremamente ambíguas. Se em 1937 *Casa-grande* foi confiscado pela Comissão Nacional para a Repressão ao Comunismo e seu autor se salvou da prisão por relações pessoais com o governador de Pernambuco, *Sobrados e mucambos* foi consagrado entre os 40 títulos que o Instituto

Nacional do Livro considerava básicos para formar as bibliotecas públicas do país. Finalmente, em 1942, Freyre foi preso por ordem de Agamenón Magalhães, acusado de atacar o escotismo.

22 Esta instituição privada foi criada um ano antes da USP. Como veremos, a ELSP foi um complemento indispensável para a afirmação da Sociologia como disciplina — suporte central para tornar São Paulo um centro nacional de lideranças políticas e intelectuais.

23 As referências a Fernandes correspondem a vários textos publicados entre 1956 e 1958 na revista *Anhembi*, posteriormente compilados em *A Etnologia e a Sociologia no Brasil*, livro do qual extraio as citações.

24 Suas fortes apreciações vão mais longe ainda: "os resultados obtidos pelo padrão histórico-sociográfico de análise da realidade raramente possuem alguma significação para a teoria sociológica propriamente dita, ainda que os autores das pesquisas pensem e sustentem o contrário. Se trata de um tipo de conhecimento que precisa ser elaborado mediante técnicas de indução circunstancial" (Fernandes, 1958, p. 221). Valendo-se do mesmo recurso da nomenclatura seletiva (que dá existência e reconhece) de que se valia Freyre, as referências contra este autor passam tanto ou mais por formas de alusão silenciosa e implícita que por um diálogo direto. Este se aplica para enquadrar Freyre entre os autores "destinados" a formar parte do passado, tornando-os *clássicos*.

25 Por essa época a Etnologia e a Sociologia já eram categorias englobadas pela classificação local de *ciências sociais*. Para Fernandes, Curt Nimuendajú ocupava em Etnologia um lugar homólogo ao de Freyre na Sociologia, ou seja, o de principal figura da "primeira metade do século".

26 A proibição política imposta a Florestan Fernandes de assumir sua cátedra, o que somente se efetivou em 1964, provocou, além da violência e da angústia recorrentes com as quais se realizam as carreiras intelectuais na América Latina, um efeito de "confirmação" da novidade por ele

transmitida, que pode ter reforçado não somente a adesão entre agentes homologamente *jovens (spirit de corps)* como também a radicalização do discurso vanguardista.

27 Um dos discípulos posteriormente destacados nesta cátedra foi Antonio Candido, que, depois de sua tese de doutorado sociológica (*Os parceiros do Rio Bonito*), se foi destacando como crítico literário dos mais renomados nas últimas décadas. Sua posição de *broker* com a outra cátedra lhe valeria um lugar estratégico, do qual emerge como a personalidade mais bem-sucedida nos projetos culturais paulistas na atualidade.

28 A estas se somava a revista *Clima* (Antonio Candido, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes, Lourival Gomes Machado, Ruy Galvão de Andrada Coelho).

29 "Metodológica" é também a distância que primeiramente escolhe Florestan Fernandes para diferenciar-se de autores como Freyre. Fernandes enuncia precocemente, em "*Resultado de um balanço crítico sobre a contribuição etnográfica dos cronistas*" (1949), uma nova concepção de análise dos documentos primários sobre os quais se baseava sua tese sobre a "organização social dos Tupinambá" (1947). Considerando que as crônicas e documentos coloniais eram também a base de *Casa-grande e senzala*, é notória a omissão de Freyre na lista de Fernandes sobre os poucos autores que se ocuparam, no Brasil, da "determinação da autenticidade dos documentos e da apreciação crítica de seus conteúdos" (Fernandes, 1958, p. 96).

30 Este tipo de identificação múltipla fere o esforço dos *sociólogos profissionais* da época para diferenciar as disciplinas e definir estritamente as competências científicas de cada uma.

31 No Brasil, aos 25 anos da publicação de *Casa-grande e senzala*, "sua" comunidade (digamos, os 40 romancistas, poetas, historiadores e críticos de maior consagração), congregada pela família Pereira (JO), publicou um livro-monumento (cf. Foucault, 1971) para imortalizar Freyre

como escritor: *Gilberto Freyre, sua ciência, sua filosofia, sua arte* (1962).

32 Com a finalidade de legitimar a dupla condição de sociólogo e de escritor, "arte bivalente", Freyre lança nessa época *Como e por que sou e não sou sociólogo* (1968).

33 Este julgamento se baseia nas conclusões estatísticas de uma pesquisa recente sobre "cientistas sociais e vida pública" (Werneck Vianna et al., 1994, p. 485). Segundo esta pesquisa, Florestan Fernandes foi o autor proporcionalmente mais lido entre os alunos de ciências sociais de todo o país, e mais espontaneamente mencionado como referência da disciplina.

34 Foi fundamental para pensar este objeto o texto *La production de la croyance*, de Bourdieu. Especialmente suas apreciações sobre o tempo: "*Marcar época é impor sua marca, fazer reconhecer (em duplo sentido) sua diferença em relação aos outros produtores e sobretudo aos mais consagrados deles; é inseparavelmente fazer existir uma nova posição mais além das posições ocupadas, adiante dessas posições, na vanguarda. Introduzir a diferença é introduzir o tempo.*" (Bourdieu, 1979, p. 39).

35 Talvez pesem sobre Freyre dilemas similares aos vividos por um Mozart, ou mesmo um Elías, buscando interessar o público para um projeto cultural para o qual seu meio social ainda não estava estruturado, mental e institucionalmente, o bastante para valorizá-lo do modo como pretendia o criador. Porém, ao mesmo tempo, a "longo prazo", talvez Freyre pague mais caro por sua pulsão por fazer-se querer, aceitando os cânones literários e sociológicos do tempo, duvidando sobre a classificação de sua obra.

## BIBLIOGRAFIA

ABL — ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA. (1937-1944), Rio de Janeiro, Pongetti /Zelio Valverde.

ALMEIDA, Maria H. Tavares de. (1989), "Dilemas da institucionalização das ciências sociais no Rio de Janeiro", in Sergio Miceli (org.), *História das ciências sociais no Brasil*, vol 1, São Paulo, Vértice, pp. 188-216.

ANDERSON, Benedict. (1993), *Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México, Fondo de Cultura Económica.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. (1994), *Guerra e paz. Casa-grande e senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro, Editora 34.

AZEVEDO, Fernando de. (1958), *A cultura brasileira. Introdução ao estudo da cultura no Brasil*, tomos I e III. 3ª ed., São Paulo, Melhoramentos.

BOURDIEU, Pierre. (1977), "La production de la croyance: contribution à une économie des biens symboliques". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 13:3-44.

\_\_\_\_\_. (1982), *Ce que parler veut dire. L'économie des échanges linguistiques*. Paris, Fayard.

\_\_\_\_\_. (1992), *Les règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire*. Paris, Seuil.

CARPEAUX, Otto M. (1955), *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação.

CASTRO SANTOS, Luiz Antonio de. (1990), "O espírito da aldeia. Orgulho ferido e vaidade na trajetória intelectual de Gilberto Freyre". *Novos Estudos Cebrap*, 27:45-66.

CHARTIER, Roger. (1994), *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília, Ed. da UnB.

ELIAS, Norbert. (1994). *El proceso de la civilización*. México, Fondo de Cultura Económica.

FERNANDES, Florestan. (1958), *A Etnologia e a Sociologia no Brasil. Ensaio sobre aspectos da formação e do desenvolvimento das ciências sociais na sociedade brasileira*. São Paulo, Anhembi.

\_\_\_\_\_.(1996), "Esboço de uma trajetória". *BIB — Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, Anpocs, 40:3-25.

FONSECA, Edson Nery da. (1985), *Casa-grande e senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944*. Recife, Companhia Editora de Pernambuco.

FOUCAULT, Michel. (1971), "Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao círculo epistemológico", in M. Foucault, *Estruturalismo e teoria da linguagem*, Petrópolis, Vozes.

\_\_\_\_\_. (1992), *El orden del discurso*. Buenos Aires, Tusquets.

FRESTON, Paul. (1989), "Um império na província: o Instituto Joaquim Nabuco em Recife", in S. Miceli (org.), *História das ciências sociais no Brasil*, vol. 1, São Paulo, Vértice, pp. 316-358.

FREYRE, Gilberto. (1966), *Casa-grande e senzala. Formação da família brasileira sob regime de economia patriarcal*. 14ª ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora.

\_\_\_\_\_.(1968), *Como e por que sou e não sou sociólogo*. Brasília, Ed. da UnB.

\_\_\_\_\_.(1978), *Prefácios desgarrados*. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Rio de Janeiro/Brasília, Livraria Editora Cátedra/Instituto Nacional do Livro (MEC).

HALLEWELL, Lawrence. (1985), *O livro no Brasil. Sua história*. São Paulo, T.A. Queiroz/Edusp.

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA. (1962), *Gilberto Freyre: sua ciência, sua filosofia, sua arte*. Introdução de Gilberto Amado. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Ed.

MICELI, Sérgio. (1989a), "Por uma Sociologia das ciências sociais", in S. Miceli (org.), *História das ciências sociais no Brasil*, vol. 1, São Paulo, Vértice, pp. 5-19.

\_\_\_\_\_.(1989b), "Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais", in S. Miceli (org.), *História das ciências sociais no Brasil*, vol. 1, São Paulo, Vértice, pp. 72-110.

\_\_\_\_\_.(1996), *Imagens negociadas. Retratos da elite brasileira (1920-1940)*. São Paulo, Companhia das Letras.

PONTES, Heloisa. (1988), "Retratos do Brasil: um estudo dos editores, das editoras e das Coleções Brasilianas, nas décadas de 1930, 40 e 50". *BIB — Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, Anpocs, 26:56-80.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. (1967), "A imaginação político-social brasileira". *Dados — Revista de Ciências Sociais*, 2/3:182-193.

SCHWARTZMAN, Simon. (1987), "A força do novo: por uma nova sociologia dos conhecimentos modernos no Brasil". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 5: 47-67.

WEBER, Max. (1992), "Tipos de comunidade religiosa", in M. Weber, *Economía y Sociedad*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica.

WERNECK VIANNA, Luiz *et al.* (1994), "Cientistas sociais e vida pública", *Dados — Revista de Ciências Sociais*, 37, 3.

\* Este texto foi originalmente escrito como trabalho final da disciplina Estrutura Social no Brasil, ministrada por Afrânio Garcia Jr. e José Sérgio Leite Lopes no PPGAS do Museu Nacional em 1995. Agradeço os comentários críticos de ambos os professores, assim como os de Luiz de Castro Faria e do avaliador do artigo, mesmo não podendo responder a todas as suas instigantes sugestões. Em 1996 o trabalho foi apresentado no GT História do Pensamento Social, no XX Encontro Anual da Anpocs. Desejo registrar,

finalmente, o meu agradecimento aos colegas do grupo e ao seu coordenador, Ricardo Benzaquen de Araújo, pelos comentários.